

André Naves*

A Locomotiva da criatividade!

Sempre que a rotina me leva a descer as rampas da estação Santa Cecília, ali na Linha Vermelha, sou convidado a uma pausa involuntária. Antes de ser engolido na corrida subterrânea, meus olhos sempre descansam nos versos de Cassiano Ricardo estampados na parede. É a poesia “Café Expresso”.

É ali que o poeta, joseense como eu, enxergou, com a sensibilidade da alma caipira, a essência sanguínea de São Paulo. Ele fala dessa injeção de ânimo, desse ouro negro que é a alma da nossa cidade e nos faz, dia após dia, trabalhadores corajosos e disciplinados.

Cassiano mostra como aqui, nesse território de concreto e garoa, construiu-se uma ética popular: a disciplina do trabalho e da diversão.

Nas mesmas rampas, a gente ainda pode ver “O Violeiro” de Almeida Júnior e “Operários” da Tarsila do Amaral. Homogeneidade de uma massa operária? Pelo contrário! É um milagre sociológico só possível na diversidade

de São Paulo!

Já pensou em quem tá naquele corre? Quem passa por ali? O executivo da Avenida Paulista, a estudante da periferia, o migrante nordestino, o imigrante boliviano, o refugiado sírio, o judeu, o herdeiro de quatrocentões, o filho de operários...

Origens sociais, regionais, étnicas e raciais que, em qualquer outro lugar do mundo, significariam segregação, mas que aqui se unem num propósito comum: a disposição para o fazer.

Mas a gente não pode pensar só no trabalho! Claro que ele é importante! Mas o que faz desta cidade uma potência de Inovação não é o suor, é a mistura.

Adoro pensar na etimologia das palavras... É com ela que a gente enxerga a alma das letras. Sabia que tem uma raiz que une “Diversidade” e “Diversão”? As duas carregam essa ideia de “viração”, de mudar de direção, de encontrar novos caminhos.

A “viração” é aquele jeito tão brasileiro — e tão paulistano — de se adaptar, de sobreviver, de inventar saídas onde só parecia haver muros. Essa é a verdadeira riqueza de São Paulo!

A Criatividade — tão valiosa para o empreendedorismo e para a inovação social — não nasce da uniformidade. Ela brota do atrito, do encontro, da multiplicidade. É na pluralidade de ideias, no choque entre a sabedoria caipira e a tecnologia de ponta, entre o rap da quebrada e a orquestra sinfônica, que a Inovação acontece.

Mas para criar, não basta ser diverso; é preciso também “di-verter”. É preciso o tempo da pausa, o tempo do café não como estimulante para produzir mais, mas como momento de reflexão.

É a diversão — o desvio da rota obrigatória — que permite à mente respirar e conectar pontos distantes. Sem esse “tempo de viração”, sem essa ludicidade, seríamos apenas engrenagens. Com ela, somos criadores.

Portanto, neste 25 de janeiro, gostaria de parabenizar São Paulo com a síntese das rampas de Santa Cecília!

Que continuemos sendo a terra da Disciplina e do Trabalho, sim, pois isso forjou nosso caráter pioneiro, pujante e resiliente. Mas que sejamos, acima de tudo, a Terra da Diversidade e da Diversão. Porque somente onde o trabalho encontra a pausa e onde o diferente encontra o semelhante, que floresce a verdadeira vocação desta cidade: a Criatividade.

Parabéns, São Paulo! Que sua beleza continue sendo a capacidade de enxergar no caos a semente do novo!

***Defensor Público Federal. Especialista em Direitos Humanos e Sociais, Inclusão Social e em Economia Política. Saiba mais em www.andrenaves.com/ Instagram: [@andrenaves.def](https://www.instagram.com/andrenaves.def)**

Eduardo Annunziato*

Caducidade não é solução: o setor elétrico exige responsabilidade e decisão técnica

O debate sobre a caducidade dos serviços da Enel Distribuição São Paulo precisa ser tratado com seriedade e responsabilidade. Energia elétrica não é mercadoria comum: é um serviço essencial, estratégico e diretamente ligado à qualidade de vida da população e ao desenvolvimento econômico.

Uma decisão precipitada envolvendo a Enel teria impactos imediatos sobre contratos de trabalho, planos de previdência e aposentadoria, financiamentos, contratos de manutenção e prestação de serviços. Esses compromissos ultrapassam R\$ 20 bilhões. Não existe solução mágica capaz de absorver uma ruptura dessa magnitude sem prejuízos profundos. O resultado seria o comprometimento da operação do sistema elétrico, independentemente de quem assumisse a concessão.

Ano eleitoral não pode pautar políticas públicas

Estamos em ano eleitoral, período em que soluções simplistas costumam ganhar espaço. No setor elétrico, isso é especialmente perigoso. Transformar um debate técnico em disputa política ou buscar medidas de efeito imediato pode gerar consequências ruins para a população.

A experiência mostra que privatização não é bom, pior ainda sem controle, sem fiscalização rígida e sem exigência permanente de investimentos leva, inevitavelmente, à precarização do serviço e das relações de trabalho. Precipitar decisões apenas amplia esse risco.

O modelo de concessão e os limites da caducidade

O caminho a ser seguido já está definido: está no contrato de concessão da Enel. É o contrato que estabelece deveres, responsabilidades e punições. Diante disso, nossa posição é clara: defendemos evitar a caducidade.

A caducidade é uma medida extrema. Não resolve problemas estruturais e tende a aprofundar a instabilidade do setor. Em seu lugar,

defendemos a construção de um Plano de Melhoria e Investimentos, capaz de enfrentar os impactos das mudanças climáticas e impor obrigações reais à Enel, com acompanhamento rigoroso e consequências claras.

O papel da ANEEL: decisão técnica, dura e responsável

A decisão tem que ser técnica e deve ser dura. A Enel deve ser duramente castigada e responsabilizada. Mas não é retirando a empresa do jogo que as obrigações e responsabilidades serão solucionadas. Essa crise sempre foi previsível.

A Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL) precisa exercer plenamente seu papel. Obrigar a Enel a realizar investimentos robustos em infraestrutura, manutenção, operação e qualidade do serviço para que seja capaz de enfrentar os impactos das mudanças climáticas, vinculando o descumprimento dessas obrigações à perda da concessão, é o maior castigo possível para uma distribuidora. Tem que sentir no bolso. Ir embora não é pior castigo para a empresa.

Esse plano deve estabelecer metas objetivas — investimentos em infraestrutura, manutenção da rede, fortalecimento da gestão e melhoria do atendimento — com prazos definidos. Caso a Enel não cumpra, a caducidade passa a ser consequência natural, e não um gesto político precipitado.

A Aneel tem a oportunidade de melhorar o modelo aplicado, exigindo novos investimentos diretamente na infraestrutura e manutenção preventiva.

Dados objetivos de reforço operacional e condições de trabalho (2024–2025)

1 - Houve contratações em São Paulo: 1.600 profissionais incorporados às equipes próprias de manutenção, operação e atendimento da Enel

Crescimento de 30% do número de equipes mobilizados em caso de crise.

2 - Frota operacional ampliada em 225 no-

vos veículos incorporados.

3 - Maior Atendimento em campo com implantação de 124 motoeletricistas.

4 - Aplicação de Tecnologia nas redes com mais de 2 milhões de equipamentos inteligentes instalados para automação, telecontrole e monitoramento.

5 - Sobreaviso incluído no regime de trabalho com negociação junto ao nosso Sindicato, no qual trabalhadores — especialmente das equipes de manutenção e emergência — permanecem fora da jornada normal à disposição da empresa, aguardando eventual chamado para serviço.

6 - Aumento no piso salarial: aumento no piso salarial de ingresso dos trabalhadores, resultado de negociação coletiva.

Os dados acima não eliminam falhas nem afastam a necessidade de fiscalização rigorosa, punições e exigência permanente de investimentos e melhorias no serviço.

Caducidade é um caminho perigoso

A caducidade dos serviços da Enel em São Paulo levaria à judicialização em massa, ampliaria a insegurança regulatória e não resolveria os problemas enfrentados pela população. Pelo contrário, poderia agravá-los.

Do ponto de vista social, os impactos seriam devastadores. Estamos falando de mais de 40 mil postos de trabalho, diretos e indiretos. O encerramento do CNPJ da Enel significaria desorganização completa da cadeia produtiva do setor elétrico.

Além disso, em um cenário de ruptura, é preciso perguntar: qual banco financiaria um setor marcado por instabilidade regulatória e risco de quebra contratual? Sem crédito, os investimentos travam e o serviço público se deteriora.

Privatização e precarização caminham juntas

A alternativa à caducidade seria um novo

leilão de concessão. Esse caminho, no entanto, não garante melhoria do serviço. Ao contrário, a experiência mostra que processos desse tipo frequentemente resultam em precarização das relações de trabalho, redução salarial, perda de direitos e desvalorização profissional.

No setor elétrico, isso é particularmente grave. Conhecimento técnico não se recompõe do dia para a noite.

A substituição de trabalhadores experientes por mão de obra menos qualificada compromete a segurança da rede, a capacidade de resposta a emergências e a qualidade do atendimento à população.

A experiência mostra que privatização sem controle, sem fiscalização rigorosa e sem exigência permanente de investimentos leva à precarização do serviço e das relações de trabalho.

Causa estranheza que esse rigor seja aplicado de forma seletiva. Quando se trata da Enel, fala-se diariamente em caducidade. Já no caso da Sabesp, recentemente privatizada, não se vê o mesmo debate público, mesmo diante de impactos relevantes sobre um serviço igualmente essencial, como o saneamento básico. Falta água todo dia e a justificativa sempre direcionada aos efeitos das mudanças climáticas.

Caducidade não!

Por tudo isso, reafirmamos: a caducidade dos serviços da Enel em São Paulo não é solução. O caminho responsável passa por regulação forte, fiscalização rigorosa e imposição de obrigações claras à Enel, com punições reais em caso de descumprimento.

Sem controle, a privatização leva à precarização. Com regulação firme, o serviço público pode ser corrigido, preservando empregos, garantindo investimentos e protegendo a população.

***Eduardo Annunziato (Chicão) é Presidente do Sindicato dos Eletricistas de São Paulo**